CRÔNICAS DELIRANTES



VI JORNADA DA EBP SEÇÃO NORDESTE

Escola Brasileira de Psicanálise
Seção Nordeste

SUMÁRIO

4 **APRESENTAÇÃO**
Késia Ramos (EBP/AMP)
Coordenadora de Divulgação da VI Jornada da Seção Nordeste

7 **HOMEM DE PANO**
Késia Ramos (EBP/AMP)

10 **DELÍRIOS COTIDIANOS**
Karynna Nóbrega (EBP/AMP)

12 **O SONHO/DELÍRIO DE CONQUISTAR O MUNDO**
Susane Zanotti (EBP/AMP)

14 **ESTAMOS GRÁVIDOS!**
Bibiana Poggi (EBP/AMP)

16 **EVIDÊNCIAS DA MENTIRA**
Margarida Assad (EBP/AMP)

18 **MEME, PARA QUE TE QUERO?**
Erick Leonardo

20 **O ILIMITADO DELIRANTE**
Cassandra Dias (EBP/AMP)

23 **UM ACORDO COM O TEMPO?**
Cláudia Formiga (EBP/AMP)

25 **UMA MÃE ENCONTRA SUA ÓRFÃ**
Anderson Barbosa de Araújo

27 **DIVAGALUMIANDO**
Socorro Soares

30 **PEQUENOS DELÍRIOS DE MENINA**
Marina Fragoso (EBP/AMP)

32 **GUARDAR UM CAVALO: CAVÁ-LO ATÉ O FURO - DELÍRIOS COTIDIANOS**
Wilker França (EBP/AMP)

35 **SONHO DE UMA SESSÃO LÍQUIDA**
Christianne Alcântara

38 **PRÁ POESIA QUE A GENTE NÃO VIVE TRANSFORMAR O TÉDIO EM MELODIA**
Vânia Ferreira

41 **UMA ESCRITA DELIRANTE**
Liana Feldman

43 **QUANDO O CÉU NÃO RESPONDE**
Liège Uchôa (EBP/AMP)

45 **ESCOLHENDO SEMPRE O MESMO LOOK**
Paulo Medeiros

47 **INFLUENCERS E "OBEDIENTERS"**
Mª Cristina Maia Fernandes (EBP/AMP)

50 **AO RITMO DA VIDA**
Priscila Brennand de Carvalho Fernandes

APRESENTAÇÃO

Há no dia comum algo que quase se diz. Quase. Está no café que esfria, na manchete lida às pressas, no zum-zum-zum da rua, na canção que volta sem ter sido chamada. Nós, praticantes da psicanálise, sabemos que o cotidiano guarda seus sobressaltos: parece seguir seu curso até que, súbito, um detalhe nos detém. Um tropeço, um sonho, uma frase fora de lugar. Há também a pequena loucura que cada um inventa para seguir vivendo, seja com a poesia, com a música, com o delírio.

A crônica faz do cotidiano seu moinho: apanha o detalhe em fuga e, ao girá-lo em palavras, deixa aparecer o que nele quase se dizia. Foi desse gesto que nasceram as *Crônicas Delirantes*, newsletter da VI Jornada da Seção Nordeste da Escola Brasileira de Psicanálise, "Delírio e Interpretação". Cada autor encontrou na matéria bruta do dia um ponto de partida para sua escrita. Aqui, o delírio não é desvio de rota: às vezes, é a bússola disponível quando o mapa falta.

As imagens que acompanham os textos também fazem sua leitura. Não contam de novo o que a crônica contou. Recolhem um traço, seguem uma pista, deixam aparecer o que o texto não diz por inteiro.

Publicadas durante a preparação da Jornada, as crônicas foram chegando uma a uma. Aos poucos, teceram um fio que acompanhou o trabalho e ajudou a construí-lo. Agora estão reunidas neste livro digital. Podem ser lidas de uma vez ou aos poucos, como quem folheia o jornal num domingo e, de repente, esquece de olhar as horas. Talvez seja essa a poesia porosa da crônica: deixar o dia entrar por suas frestas.

Esse percurso teve muitas mãos. Anderson Barbosa, Priscila Carvalho e Bruno Senna estiveram comigo em cada etapa. Cláudia Formiga, coordenadora-geral da VI Jornada, e Margarida Assad, diretora-geral da Seção Nordeste, abraçaram a

proposta desde o início. E cada autor teve a generosidade de se arriscar na escrita e compartilhar conosco o que encontrou pelo caminho.

Meu muito obrigada.

Késia Ramos (EBP/AMP)
Coordenadora de Divulgação da VI Jornada da Seção Nordeste

CRÔNICAS DELIRANTES



HOMEM DE PANO

Késia Ramos (EBP/AMP)

Inauguro as Crônicas Delirantes escrevendo a minha surpresa ao ler uma matéria de jornal[1]. Fui conferir se era *fake* — a matéria estava inclusive em jornais internacionais[2]. É um fato.

Meirivone Rocha Moraes dança forró e mora no interior de Minas Gerais. Veio a pandemia. Foi embora o baile, o par, o suor. Foi então que pediu à mãe um homem de pano. A mãe era costureira — não é detalhe, é destino.

Não é isso o que fazemos? Tentamos, de algum modo, forçar a relação que não há — pedimos que alguém nos costure um outro, como se o amor fosse uma questão de medida certa, de linha firme, de nó bem dado. Sua mãe, que era costureira, entendeu. As mães capturam certas coisas que as palavras não alcançam. Costurou Marcelo que entrou pela porta como quem sempre esteve esperando do lado de fora.

Era pandemia. Havia um silêncio novo no mundo, um silêncio de corpo que não toca outro corpo, de festa que virou tela. E dentro desse silêncio, que não era paz mas ausência, Meirivone casou, dançou e teve filhos com um boneco de pano. Com pano e com entusiasmo. Isso é o que os jornais não souberam dizer: um entusiasmo infinito e delirante.

Lacan nos lembra que todo mundo é louco. Não existe um saber que organize definitivamente o gozo, que ponha ordem naquilo que o corpo quer sem pedir

---

1 CNN BRASIL. *Mulher que ficou famosa por se casar com boneco de pano diz que espera '2º filho'*. CNN Brasil, 13 abr. 2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br. Acesso em: abr. 2025.

2 THE MIRROR. *Woman who married a rag doll announces she's pregnant with 'fourth child'*. Disponível em: https://www.mirror.co.uk. Acesso em: abr. 2025.

licença. Cada um de nós ergue uma ficção para cobrir o real que nos habita — aquilo que não cede, que não se simboliza, que insiste sem pedir licença. Uma invenção para dar contorno ao que não tem forma, agora que o Nome-do-Pai já não organiza como antes. Uns cobrem com palavras, outros com dinheiro, outros com ideologias, outros com a fé cega num Outro que ainda exista e saiba. Meirivone fabricou com o que o destino providenciou: uma mãe costureira, pano de algodão e dois botões por olhos.

E depois ficou grávida. Duas vezes. Fez teste na farmácia, mostrou o resultado positivo em vídeo nas redes sociais, disse que queria uma menina. A câmera filmou sua alegria — uma alegria que não pedia permissão para existir, que não esperava que o mundo fosse entendê-la. Porque o que ela descobriu — sem saber que descobria, sem usar as palavras certas, sem ter lido uma linha de psicanálise — é que o Outro não existe. Existe o pano. Existe o que se inventa. O amor não é um encontro de dois: é sempre uma construção solitária que, por contingência ou ilusão, às vezes o outro parece confirmar. Meirivone apenas fez a operação às claras.

Há algo, na história de Meirivone, que nos convoca. Não a julgar, não a diagnosticar — mas a escutar esse sujeito: o que faz com aquilo que não tem forma, com o gozo que insiste, com a relação que não há. É essa a pergunta que a VI Jornada propõe[3]: o que é o delírio senão a solução que cada um costura para habitar o real? E o que é a interpretação do analista senão uma operação que desloca do sentido ao fora de sentido — sem desfazer o pano, tocando o real, deixando o sujeito amarrar outro nó?

Marcelo não existe — porque não é um sujeito. Não fica suado de dançar, não deseja, não falta, não sofre. O Outro tampouco existe — e o Outro, ao menos, não nos abraça. Entre dois que não existem, Meirivone escolheu o que podia segurar nos braços: casou com ele, deu-lhe um nome, anunciou o quarto filho. Ficou com o pano — e nessa invenção tocou o real: desejar, amar e delirar é sempre singular. É costurar com o que se tem.

No fim, Meirivone contraria a teoria lacaniana fazendo existir a relação sexual. Produziu quatro filhos — de pano, claro! Mas com entusiasmo infinito e delirante. E assim seguiu dançando, sem precisar de nada que nós ainda estamos tentando entender. Nós é que precisamos dela — para lembrar que o delírio não é o problema. É, às vezes, a única solução possível. E que o analista, ao escutá-lo

3 UCHÔA, Liège; FERREIRA, Vânia. *Argumento da VI Jornada da Seção Nordeste — EBP/AMP: Delírio e Interpretação*. Recife, 2026.

e saber o que fazer com ele, é o que nos convoca ao trabalho.

Enquanto isso, vamos riscando, arriscando, costurando palavras, ideias e crônicas com o que a humanidade e o cotidiano ferozmente nos mostram. Ah, o delírio.


CRÔNICAS DELIRANTES

NEWSLETTER VI JORNADA DA EBP SEÇÃO NORDESTE

DELÍRIOS COTIDIANOS

KARYNNA NÓBREGA (EBP/AMP)

Durante a infância, meu primogênito era acometido por vários e diferentes sintomas respiratórios: otite, sinusite, rinite dentre outras ites próprias da tenra idade, de alérgicos que residem em cidades de clima frio.
Era quase rotina mensal, quando adoecia, lá íamos para mais uma consulta com o otorrino da família – Dr. Bandeira.

LEIA +

"ESSE FRAGMENTO DE UM DELÍRIO COTIDIANO, NOS PRESTA A RECORDAR QUE TODO FALASSER DELIRA."

Escola Brasileira de Psicanálise

DELÍRIOS COTIDIANOS

Karynna Nóbrega (EBP/AMP)

Durante a infância, meu primogênito era acometido por vários e diferentes sintomas respiratórios: otite, sinusite, rinite dentre outras ites próprias da tenra idade, de alérgicos que residem em cidades de clima frio.

Era quase rotina mensal, quando adoecia, lá íamos para mais uma consulta com o otorrino da família – Dr. Bandeira. Ele próprio já sabia quando ia adoecer e me pedia: – Mamãe, me leva para Dr. Bandeira. Eu quase que, imediatamente o fazia. Enquanto isso, dentre idas e vindas ao otorrino, eu esperava meu segundo filho, agora uma menina.

A barriga já começava a aparecer. Mas, meu filho com quatro anos, não esboçava nenhuma curiosidade sobre o assunto. Dado que comecei a ficar preocupada. Já sem aguentar a falta de curiosidade dele, resolvi perguntar. Me dirigi carinhosamente a ele: – Meu filho, sabe como essa bebê veio parar aqui, dentro da minha barriga? Ele sem hesitar me olhou com desdém e respondeu. – Mãe, claro que foi o Dr. Bandeira. Sorri aliviada... As crianças sempre nos surpreendem, e assim como os adultos inventam respostas para os próprios enigmas.

Esse fragmento de um delírio cotidiano, nos presta a recordar que todo falasser delira, mas sabemos que, há delírios cotidianos entorno do qual fazemos laço e outros delírios, que apresentam mais dificuldade em fazer laço social, uma vez que nesses casos não há uma verdade compartilhada.

A clínica e o cotidiano nos ensina que cada falasser inventa uma solução para lidar com a foraclusão generalizada da não existência da relação sexual, no caso

da neurose e para tanto se serve da fantasia. Já no caso da psicose há dois tipos da foraclusão: a localizada do significante fálico, e a foraclusão referente a não existência da relação sexual, então, há diante desse furo a construção delirante, como resposta e invenção.

Simone Souto[1] (2011) em *O delírio e o sintoma: a loucura de cada um* retoma o aforismo de Lacan: " a relação sexual não existe " e desenvolve os efeitos dessa inexistência, a saber: todo falasser em certa medida delira, logo o delírio como sendo consequência da inexistência da relação sexual.

Escreve Simone: "A impossibilidade de inscrever a relação sexual na linguagem e consequentemente de fazê-la existir como uma relação que seria completa entre os sexos, é o que podemos designar com Lacan de uma foraclusão generalizada, isto é, a presença de um furo, de um vazio, da falta de um gozo que afeta a vida de todo ser falante de forma generalizada e que torna evidente um real impossível de ser atingido pela palavra. Por causa desse furo na linguagem, a palavra não consegue jamais representar totalmente a coisa que ela pretende significar. Então, na tentativa de dar algum sentido a esse vazio, a palavra articula-se a outra criando os discursos, cuja existência é construída em torno da referência vazia relativa à inexistência da relação sexual. Portanto, é esse furo na linguagem que torna possível a criação dos discursos." (SOUTO, 2011, pág.176)

Se por um lado a neurose cria uma ficção para abordar a realidade por meio do mito individual da fantasia, sendo a metáfora paterna aquilo que permite uma localização do gozo no corpo, por outro lado na psicose o sujeito se serve do delírio para se defender da invasão do gozo no corpo, uma vez que há a foraclusão localizada do significante.

Dessa forma, a psicanálise nos ensina que o discurso do inconsciente apresenta a dimensão do sem sentido e do gozo, cada um goza à sua maneira, da língua e do corpo, a lalíngua como sendo esse parasita falador que nos faz mover, falar, gozar e delirar.

---

1 GLAZE, A; BRISSET, F.O.B; A saúde para todos, não sem a loucura de cada um: perspectivas da psicanálise. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.



O SONHO/DELÍRIO DE CONQUISTAR O MUNDO

Susane Zanotti (EBP/AMP)

A menos de um mês da copa do mundo, as situações cotidianas escancaram que "*não há nada mais desbaratado que a realidade humana*"[1]. O *frenesi* de compra e troca de figurinhas, na torcida para conseguir as raras, tão disputadas e completar o álbum mais rápido; a convocação dos jogadores e toda a polêmica em torno do camisa 10 da seleção brasileira são assuntos nas redes sociais, nos grupos de WhatsApp, no trabalho, em casa.

Após sair para comprar figurinhas para o álbum da Copa do Mundo 2026, Bella volta correndo aos berros e profere em alto e bom som: "*Mãe, a IA vai dominar o mundo?*". De repente, um silêncio ensurdecedor se instala. Nesse instante, que parece uma eternidade, sua mãe a interroga: "de onde você tirou isso, menina?", buscando investigar o efeito de interpretação. Angustiada, Bella diz bem rápido, juntando as palavras e fazendo delas um *thriller*: "a IA vai falar para o policial matar uma pessoa e ele vai matar." Ao pedir para dizer como seria isso, a filha já responde com menos sobressalto e incluindo pausas entre uma palavra e outra: "*Meu amigo falou que a IA vai dominar o mundo, que ela vai falar para o policial quando alguém fizer uma coisa errada e o policial vai matar essa pessoa, mesmo que ela não tenha feito isso*". Ao final, imprimindo urgência ao seu questionamento, a criança interroga: *é verdade?*

Para além das questões sobre a manipulação de sistemas de inteligência artificial e como cada um interpreta os supostos comportamentos autônomos das

1 Lacan, J. (1955-1956). O Seminário, Livro 3 As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 99.

tecnologias, penso no desenho animado dos anos 90, 'Pink e o cérebro' e o sonho/delírio compartilhado de conquistar o mundo. "*Cérebro, o que faremos amanhã à noite?*". *"A mesma coisa que fazemos todas as noites, Pinky... Tentar conquistar o mundo*!". Tirada da abertura e do encerramento de cada episódio, que indica o *loop infinito* de um novo plano mirabolante e a impossibilidade estrutural de completude.

Voltando à IA, os *delírios cotidianos* das trends do futebol brasileiro chamam nossa atenção. Os torcedores criando imagens e vídeos hiper-realistas para simular serem flagrados pelas câmeras de transmissão nos estádios. A trend em que as pessoas simulam a própria "convocação" para a Seleção, o que inclui até mesmo vestir os pets com as cores da bandeira verde e amarelas. E uma outra forma de delírio, a da dança dos jogadores. Nos últimos dias, viralizou a dancinha de duas irmãs, @arayfer_hernandez criada a partir do Official Visualizer[2] de *Brasil* com S, agitando os corpos e multiplicando a reprodução da coreografia. No vídeo, é citado e repetido cada nome dos jogadores do Brasil – Vini Júnior! (Vini Júnior!). Rafinha! (Rafinha!). Alisson! (Alisson!). Casemiro! (Casemiro!) etc. – adicionado ao modo singular como Um sozinho comemora os gols.

O apito do vigilante na rua me lembra que é preciso concluir esse texto. Que comece a nossa partida. Uma reflexão sobre a questão da verdade, das ficções, do gozo e suas implicações clínicas: 'Delírio e Interpretação', tal como indicado no Argumento da VI Jornada da Seção Nordeste.

Como situar delírio e interpretação, se considerarmos com Lacan que ambos integram o discurso de todo falasser? A força desses exemplos se sustenta na interpretação de uma criança e no sonho de dominar o mundo; seja no futebol ou na IA.

2 M4IA, 2026. https://www.youtube.com/watch?v=yk7yVGbcpHE.


CRÔNICAS DELIRANTES

NEWSLETTER VI JORNADA DA EBP SEÇÃO NORDESTE

ESTAMOS GRÁVIDOS!

BIBIANA POGGI (EBP/AMP)

pai

LAURENT DESTACA O SENTIMENTO DE DESASSOSSEGO E DE ANGUSTIA DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR, QUE NO LUGAR DE RESPONDER O QUE SIGNIFICA EDUCAR E TRANSMITIR LAMENTA "SOBRE O IMPOSSÍVEL DE ENSINAR".

Pedro anunciou emocionado: — Estamos grávidos! A felicidade foi contagiante! Trinta e sete semanas depois, o casal já não tinha tempo para festas e comemorações. O compromisso agora era outro, mais solene: o segundo curso para pais...Estavam prontos. O plano estava traçado. Agora, era só esperar Paula nascer.

LEIA +

Escola Brasileira de Psicanálise

ESTAMOS GRÁVIDOS!

Bibiana Poggi (EBP/AMP)

Pedro anunciou emocionado: — Estamos grávidos!

A felicidade foi contagiante! Trinta e sete semanas depois, o casal já não tinha tempo para festas e comemorações. O compromisso agora era outro, mais solene: o segundo curso para pais. Lá foram os dois — ou melhor, os três —, aplicados, ouvindo a especialista detalhar o parto ideal, como trocar fraldas, amamentar, entre tantas outras tarefas. Estavam prontos. O plano estava traçado. Agora, era só esperar Paula nascer.

Mas o imprevisto não lê manuais.

Antes do dia marcado, antes de o quarto estar totalmente pronto, Paula decidiu que o mundo a esperava. O relógio acelerou, as contrações vieram, mas o corpo se recusou a seguir o roteiro da dilatação.

Dois dias depois, o silêncio da casa nova foi preenchido pelo choro da menina. Foi nesse instante que o desassossego visitou Pedro. Uma estranheza esquisita, daquelas que apertam o peito sem pedir licença. Angustiado com o que não conseguia explicar, ele buscou alguém que pudesse apenas escutar.

No horário agendado Pedro estava lá, tentando traduzir o susto em palavras: — Está tudo muito confuso. Paula chora a noite inteira. Na hora da mamada, ela dorme no peito, a mãe está exausta...

Pedro olhava para as próprias mãos, e indagava: — E agora? Estamos seguindo todas as orientações. A gente treinou bem direitinho...

Ele interrompeu a fala assustado ao se escutar dizer: — Mas foi numa boneca!

A constatação de Pedro foi um grande susto, pois vive na era dos protocolos, na qual se encontram especialistas para ensinar a dormir, a comer, a correr e, claro, a criar filhos perfeitos, seguros e estimulados. Mas, como já questionava Laurent[1], quem realmente sabe, hoje, como criar um filho?

Como foi dito, muitos especialistas propõem inúmeros protocolos de soluções para algo que parece impossível. Laurent[2] destaca o sentimento de desassossego e de angustia da instituição escolar, que no lugar de responder o que significa educar e transmitir lamenta "sobre o impossível de ensinar".

No entanto, o que não pode ser ensinado consiste em um saber sobre "o ponto que é a origem subjetiva da cada um"[3].

Ora, se em épocas passadas isso não era questão, agora o é por influência do capitalismo e, igualmente, das propostas de soluções da ciência, as quais desvelam cada vez mais "o caráter de objeto real da criança"[4].

Ao nascer, o bebê recebe cuidados necessários para sobreviver, mas, que não são garantia para o ingresso na linguagem. A instituição família estabelece a diferença dos sexos e das gerações, pois se trata de incluir o recém-nascido numa sucessão na linha das gerações e transmitir-lhe um nome, ou seja, põe em jogo "a inscrição simbólica"[5].

Pedro decidiu investigar acerca das suas perguntas. Por sorte, encontrou um interlocutor que aceitou ser parceiro dele a partir desta brecha que se abriu diante daquilo que não há resposta possível nos manuais de instrução.

---

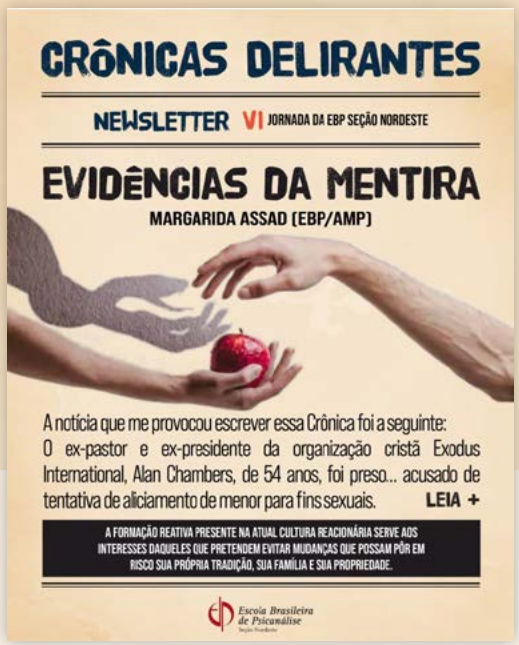
1 LAURENT, Eric. El niño como lo real del delirio. In: KUPERWAJS, Irene Psicoanálisis con niños 3: Tramar lo singular. – 1ª Ed. – Buenos Aires: Grama Ediciones, 2010. 20

2 IBID

3 ESQUÊ, Xavier. Ficciones familiares y real em juego. In: KUPERWAJS, Irene Psicoanálisis con niños 3: Tramar lo singular. – 1ª Ed. – Buenos Aires: Grama Ediciones, 2010. 27

4 IBID

5 IBID



EVIDÊNCIAS DA MENTIRA

Margarida Assad (EBP/AMP)

A notícia que me provocou escrever essa Crônica foi a seguinte:

O ex-pastor e ex-presidente da organização cristã Exodus International, Alan Chambers, de 54 anos, foi preso no estado da Flórida, nos Estados Unidos, acusado de tentativa de aliciamento de menor para fins sexuais. A prisão aconteceu após uma operação conduzida pelo Escritório do Xerife do Condado de Orange, que utilizou agentes infiltrados em redes sociais e aplicativos de mensagens.[1]

Quem é Alan Chambers?

"Desde 1976, a igreja norte-americana *Exodus* liderada por Alan Chambers defendeu a luta contra os homossexuais atuando a favor da criminalização do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo e aplicando métodos de "cura gay". Entretanto, na última quarta-feira (19) o presidente da instituição religiosa publicou no site da organização uma carta assumindo que é gay; pedindo desculpas para a comunidade homossexual por toda a dor e sofrimento que causou; e declarando publicamente o fechamento da igreja."[2] (notícia publicada em 2013)

Esse fato traz à tona uma questão que pode ser muito bem lida pelo discurso Psicanalítico. Freud inventou um nome para esse mecanismo: **Formação reativa**. Mecanismo muito presente na cultura atual. Trata-se do desenvolvimento de atitudes diametralmente opostas ao desejo do sujeito. E quanto mais aferrado a tais atitudes mais se evidencia que há, naquele que defende padrões morais,

1 https://extra.globo.com/

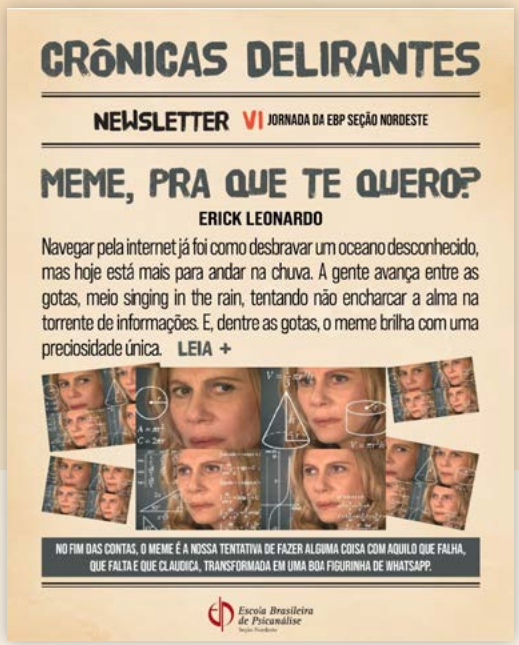
2 https://en.wikipedia.org/static/images/mobile/copyright/wikipedia-wordmark-en-25.svg

uma forte tendência a praticar aquilo mesmo que rejeita. Tal desvio nem sempre se desmascara tão claramente como ocorreu nesse caso do pastor que defendia a cura-gay. Podemos lembrar de algumas obras de arte como o belo filme Beleza Americana, película de 1999: enredo repleto de sentimentos contraditórios nos seus personagens, onde o ódio prevalece e o amor permanece envolto em paradoxais narrativas.

O que assistimos em muitas ocasiões, principalmente nos movimentos políticos, são indivíduos que pretendem conquistar a população provocando nelas atitudes moralistas frente a fatos contemporâneos, geralmente relacionados à sexualidade, valendo-se do fato, – esse sim verdadeiro – das formações reativas na subjetividade contemporânea. O que é perverso é que utilizam desse mecanismo presente na *alma* humana, com interesses pessoais de ambição de poder, levando as massas a crer que eles são defensores da moral e dos bons costumes . Quem ainda lembra da TFP (tradição, família e propriedade) nos anos 60 a 80? – Ainda hoje, leio pela IA que ela ainda resiste de forma discreta.

A **formação reativa** presente na atual cultura reacionária serve aos interesses daqueles que pretendem evitar mudanças que possam pôr em risco sua própria tradição, sua família e sua propriedade. O pastor Alan Chambers, embora tivesse abandonado sua defesa da cura gay, permaneceu preso a sua defesa moral levando seu desejo sexual ao pior: aliciar menores. Quem sabe poderia dar ao seu desejo um final mais satisfatório se soubesse , com Lacan, que “o sexo não define relação alguma no ser falante”.[3]

3 Lacan, J. O Seminário. Livro 19. J Zahar Ed. Rio de Janeiro. 2012. P 13



MEME, PARA QUE TE QUERO?

Erick Leonardo

Navegar pela internet já foi como desbravar um oceano desconhecido, mas hoje está mais para andar na chuva. A gente avança entre as gotas, meio ***singing in the rain***, tentando não encharcar a alma na torrente de informações. E, dentre as gotas, o meme brilha com uma preciosidade única. Ele não é bem um chiste clássico, daquele tipo que demanda um trabalho singular do inconsciente; o meme é uma produção *prêt-à-porter*. Já vem pronto para vestir, é intencional para quem o emite e evoca o efeito imediato do riso para quem partilha do código. Na era da hiperconexão, fala-se muito, para nada dizer. Mas o meme, ***berro!***

Na comunidade LGBTQIAPN+, por exemplo, essas imagens e bordões são o puro oxigênio. Funcionam como o avesso do desamparo, a ferramenta exata para subverter e superar a lógica heteronormativa de cada dia. É o recurso que permite lavar a cara com água e sabão, recolher os pedaços e ***let it go*!** O meme faz borda e transborda. No entanto, como diria o jargão da própria rede, ***the life is not a strawberry***. O tempo na internet evapora mais rápido que o éter, e os memes estão cada vez mais efêmeros: ***GAG, GAG de la GAG, Acrílico...*** Bem, este último não!

O curioso é o fenômeno da arqueologia digital: as novas gerações agora resgatam frases e cenas que viralizaram há anos, na velha televisão analógica, dando uma sobrevida mística a relíquias do passado. Assim estava eu, outro dia, **todo trabalhado** na dúvida metafísica — ***Estou bonito ou estou engraçado?*** —, a caminho de ganhar o pão de cada dia no consultório. Acordando cedo, é claro; afinal de contas, ***não se dorme na Europa!*** No coração vivo do divã, aquele espaço que é o caldeirão do mundo, a internet insiste em pedir passagem...

Um deles, deitando-se, solta a pérola: “A Lady Gaga, a *mother monster*, lançou um clipe babado, aí o pessoal da internet pegou e acabou com a música, misturando com ‘Cilada’ do grupo Molejo...”. O trágico e o pop dançando juntos. Diante daquilo, brinco com uma pontuação, dessas que tentam pescar o sujeito: “Bem, quem sabe alguém precisou inventar algo para tratar uma desilusão amorosa”. Assim retoma a sua questão. O meme cai, o inconsciente emerge. O Molejo vira mola para o que realmente importa.

Em outra sessão, a resistência se faz presente com a mesma roupagem moderna. Diante de um tema espinhoso, daqueles que tocam o osso do sintoma, a analisante empaca, sorri de canto e solta o clássico bordão das redes: **“Para a gravação!”**. Mas ali quem opera é a transferência, não o algoritmo. O analista, então, intervém na hiância do silêncio: **“Não, Stefany. Continue...”.** Rimos e a sessão continua.

No fim das contas, o meme é a nossa tentativa de fazer alguma coisa com aquilo que falha, que falta e que claudica, transformada em uma boa figurinha de WhatsApp. Enquanto o mundo lá fora chia feito panela de pressão ou desaba em tempestade, a gente segue aqui dentro, em um delírio a dois?



O ILIMITADO DELIRANTE

Cassandra Dias (EBP/AMP)

A leitura do livro **Paixão simples** da escritora Annie Ernaux – Prêmio Nobel de Literatura 2022 – deixou-me uma profunda impressão acerca da capacidade da autora em transmitir a disponibilidade de uma mulher em relação ao amor. Em que medida essa entrega possui afinidade com o delírio?

A escrita de Annie tenta dar conta da radicalidade da experiência do apaixonamento para uma mulher, por meio da inscrição da presença ou ausência do objeto amado.

"Pensava que era muito estreito o limiar entre essa reconstituição e uma alucinação, entre a memória e a loucura".[1]

Nessa vivência que Annie tenta capturar em palavras, um novo signo se introduz: "(...) eu me aproximei do limite que me separa do outro, a ponto de às vezes imaginar que iria chegar do outro lado".[2]

Encontro no relato cortante que Annie faz da sua relação com o parceiro, os elementos que Lacan isola ao falar sobre a inexistência da relação sexual a partir de dois modos de gozo tão distintos, em especial, o feminino, "(...) louco, enigmático."[3]

"Assim o universal do que elas desejam é loucura: todas as mulheres são loucas, como se diz (...) não loucas-de-todo, antes conciliadoras: a tal ponto que não

---

1 ERNAUX, A. – Paixão simples – São Paulo: Fósforo, 2023.

2 Idem

3 LACAN, J. O Seminário: Livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p 197

há limite para as concessões que cada uma faz para *um* homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens".[4]

Annie nos entrega, através da sua escrita, os pormenores, as minúcias, os divinos detalhes que traduzem sua entrega incondicional.

"É claro, eu só me lavava no dia seguinte para poder guardar dentro de mim o esperma dele".[5]

"Ler no jornal os artigos sobre o seu país (ele era estrangeiro), escolher a roupa e a maquiagem, escrever cartas para ele, trocar o lençol da cama e colocar flores no quarto, anotar o que não podia esquecer de lhe dizer, no próximo encontro, que pudesse ser do interesse dele..."[6]

"Ele bebia demais, conforme os costumes dos países do Leste (...), mas não me desagradava. Mesmo quando ele cambaleava ou arrotava ao me beijar. Pelo contrário, ficava feliz de estar perto dele num momento que beirava o abjeto".[7]

"Só de uma coisa eu poderia ter certeza: do seu desejo ou da falta de desejo. A única verdade incontestável estava visível em seu sexo".[8]

"Não quero explicar minha paixão, só quero explicar o que ela é."[9]

Se essa espécie de enlouquecimento que acomete as mulheres em relação ao amor é universal, como esse delírio manifesta-se na cultura hoje?

O algoritmo trouxe para a playlist do meu treino diário de musculação, algumas canções que me remeteram – ao avesso – à escrita de Annie Ernaux sobre a entrega de uma mulher. Nessa nova roupagem, as letras dizem de uma mulher que se disponibiliza como objeto altamente sexualizado à fantasia masculina. Tratada por significantes pejorativos e exaltada pelo vigor com que se dispõe ao desejo do homem, a batida do funk reverbera o enlouquecimento para cavar um lugar no desejo. A indústria do entretenimento fatura milhões explorando esse nicho do mercado, onde também não há limites.

---

4 LACAN, J. – Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p 70

5 ERNAUX, A. – p 15

6 Id ibid – p 10

7 Id ibid – p 25

8 Id ibid – p 26

9 Id ibid – p 24

À diferença da literatura e sua inclinação ao amor, temos na pornografia[10] uma expressão da época na tentativa delirante de consistir A mulher?

10 MILLER, J. A. – "Essa clínica da pornografia é a do século XXI" . O inconsciente é o corpo falante IN: Scilict O corpo falante – sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise , 2026. p 21.



UM ACORDO COM O TEMPO?

Cláudia Formiga (EBP/AMP)

Com o convite para escrever uma das "crônicas delirantes" da VI Jornada *Delírio e interpretação*, passei a prestar atenção às notícias e aos pequenos acontecimentos do cotidiano, à procura de algo que me permitisse articular interpretação, delírio e real.

Foi numa conversa com amigos que encontrei o tema sobre o qual escrever. Alguém comentou sobre uma notícia de jornal, que a mim pareceu saída de um texto de realismo fantástico: falava da existência da Fundação Cacique Cobra Coral, uma instituição que existe há décadas e cuja missão é negociar com o tempo e controlar o clima. Entre seus interlocutores estão até prefeituras, que a ela recorrem com o fim de afastar a chuva de grandes eventos como Carnaval, Réveillon...

Como se dá essa negociação? Segundo a notícia, funciona assim: uma médium incorpora o espírito de um índio, o cacique Cobra Coral, entre cujos poderes está "minimizar os estragos causados por desastres naturais".

Minha primeira reação foi de espanto.

A segunda me veio sob a forma de uma lembrança: Eu devia ter uns nove ou dez anos quando, num domingo nublado, desenhei com um giz amarelo no cimento da calçada um sol enorme, com muitos raios...

Não sei exatamente se acreditava que aquilo faria mudar o céu. Mas ali havia uma espécie de "acordo silencioso" que eu fazia com o tempo. Eu queria ir à praia e, diante da ameaça de chuva, tentei fazer existir alguma mediação entre o meu desejo e as nuvens.

A notícia sobre a Fundação Cobra Coral me interessou menos pelo que ela diz sobre o clima e mais pelo que revela sobre a nossa relação com o imprevisível. Em um mundo que calcula, prevê e monitora quase tudo, ainda encontramos no céu um ponto de opacidade.

O que procurariam aqueles que recorrem a uma instituição cuja missão é conversar com as nuvens?

O clima talvez seja um dos nomes mais antigos do real. Freud já observava que a humanidade produziu seus deuses para domesticar as forças da natureza. Danças da chuva, preces, oferendas e sacrifícios foram artifícios com que, sem terem o domínio do céu, os homens tentavam negociar com ele. Hoje, serviços de meteorologia até podem predizer o tempo, mas não impedir uma tempestade.

Lacan nos ensina que diante do que escapa à simbolização, os seres falantes não cessam de produzir sentido. E que o delírio é uma construção de sentido diante de um ponto de irrupção do real. O real do clima não está em que a chuva caia, mas em que ela caia indiferente à nossa vontade, sem nenhuma intenção ou destinatário. O que o delírio produz é justamente um destinatário, uma intenção. E a chuva, de acontecimento meteorológico, passa a algo com que podemos negociar.

E por que a ideia de negociar com as nuvens continua a fazer sentido pra nós?

Penso que a existência, hoje, de uma instituição cuja missão é controlar o tempo encarna uma versão contemporânea dessa antiga tentativa de interpelar o real.

Seja sob o nome da ciência, da religião, da política ou da magia, continuamos procurando alguém que nos garanta que não vai chover justamente no dia do casamento ao ar livre ou quando tudo que queremos é pegar uma praia.

A Fundação Cobra Coral parece oferecer uma interpretação para aquilo que de outro modo permaneceria entregue ao acaso. E, dessa forma, uma mediação entre o humano e o real sem lei.

E sempre que o real se mostra indiferente aos nossos cálculos, reaparece em nós o desejo de que exista alguém com quem ainda seja possível negociar.

Nem que seja com uma nuvem.



UMA MÃE ENCONTRA SUA ÓRFÃ

Anderson Barbosa de Araújo

A história, como se costuma dizer, viralizou. Uma mulher de 37 anos se passa por uma adolescente de 12 e é adotada por uma família em Santa Catarina. Essa não era a primeira família enganada; na verdade, já passava da quinta. Nesta última, Amanda viveu por mais de um ano. A repercussão na internet foi enorme, pois Amanda recebia as mais diversas regalias, a tal ponto de, em seu aniversário de 13 anos — pasmem —, pedir *Mounjaro* de presente.

Diante das reações do público e dos diversos memes e comentários que a história gerou, algo me chamou a atenção. O que mais se destacava não era o golpe aplicado por Amanda ou mesmo seu delírio de acreditar ter 12 anos, mas o fato de a família ter acreditado nela. Ora, visivelmente Amanda não tinha 12 anos. Como é possível que tenham acreditado por tanto tempo?

Em entrevista, Renata, a mãe adotiva, dizia-se absolutamente envergonhada. Dormia com a menina, dava-lhe mamadeira e cantava canções de ninar. Renata era verdadeiramente uma mãe. Françoise Dolto[1] aponta que todo filho é adotivo, até mesmo os biológicos. Com isso, demarca que aquilo que vai constituir a filiação parental é alguma coisa de outra ordem que não a biológica, mas, sim, da constituição mesma de um sintoma que a criança vem a representar na dinâmica familiar, como coloca Lacan em *Nota sobre a criança*[2].

---

1 Dolto, F. (2013). *Seminário de psicanálise de crianças*. São Paulo: Martins Fontes.

2 Lacan, J. (2003). Nota sobre a criança. Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969).

Identificar-se como mãe, é, assim me parece, também uma espécie de delírio. É acreditar que existe um objeto *a* qualquer que, como mostra Lacan, satura "a modalidade de falta em que se especifica o desejo (da mãe), seja qual for sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica" (p. 370). Todo mundo é louco por delirar que existe um meio de preencher o buraco da inexistência da relação sexual. O delírio, nessa seara, é uma interpretação. É um jeito de recobrir, com a espuma do sentido, o osso exposto do real.

Para além do filme *A órfã*, de 2009, amplamente evocado pelos internautas diante desse caso, o ocorrido me fez lembrar um filme mais recente, *Titane*, de 2021, dirigido por Julia Ducournau. No filme, acompanhamos Alexia, que, depois de assassinatos em série, incluindo os de seus pais, resolve fugir. No aeroporto, ela se depara com o anúncio de pessoas desaparecidas e resolve se passar por uma delas: um rapaz muito mais jovem. Alexia raspa a cabeça, quebra o próprio nariz e enfaixa os seios para emular a aparência do rapaz e, então, apresenta-se à polícia.

O pai do jovem aceita de prontidão aquele sujeito calado e arredio como sendo seu filho, leva-o para casa, cuida dele e o introduz prontamente em sua vida e em seu trabalho. Todos desconfiam, é claro, até mesmo nós, que assistimos ao filme. Alexia está grávida, sua barriga cresce, seu corpo se transforma, mas absolutamente nada é capaz de abalar a confiança daquele pai de que finalmente encontrara seu filho. É um delírio do qual ele não poderia abrir mão. Sua ex-companheira sabe muito bem disso. Em uma visita à casa, assusta-se com a aparência de Alexia, chama-a ao banheiro e diz algo como: "Não sei quem é você ou o que você quer aqui, mas ele precisa de você." Talvez Renata também precisasse de Amanda. Uma mãe encontra sua órfã.



DIVAGALUMIANDO

Socorro Soares

"E um vaga-lume lanterneiro, que riscou um psiu de luz"[1].

Não só fotografava o genocídio em Gaza, tentava capturar beleza infantil. Seleção do Irã exibe mochilas coloridas em repúdio a crianças mortas em uma escola. Notícias que urgem!

Reportam-me a duas *obras de arte* que comungam da literatura e do cinema em forte projeção biográfica. O Curta-animação (1988) sob direção de Isao Takahata, *O túmulo dos vagalumes*. A outra, livro de Didi-Huberman, *A sobrevivência dos vaga-lumes*.

O Curta passeia pelo efêmero e pela tragédia da guerra de 1945, sob perspectiva infantil em metáfora de luzes de vaga-lumes e bombas. Luzes que iluminam seres de curta vida e luzes que encurtam vidas. Luzes que se apagam mortas em si e luzes que apagam vidas. O trágico sob a delicadeza da relação de dois irmãos órfãos, Setsuko e Seita, à travessia da sobrevivência. Encerra com cena *"hora de dormir"* , iluminados brilhantemente por vaga-lumes, e com o simbolismo de lata de doces a servir de túmulo aos vagalumes e às cinzas de Setsuko.

O livro de Huberman é um passeio pela metáfora do poeta e crítico de arte Pasolini, cito-o: "A dança dos vaga-lumes, esse momento de graça que resiste ao mundo do terror, é o que existe de mais fugaz e frágil"[2]. Trata do sumiço de vaga-lumes articulado ao fascismo, genocídio e enfraquecimento cultural quando intelectuais não viam o apagamento desses seres: "[...]é preciso no presente da sua

1 Rosa, J. Guimarães. Minha gente. In: Sagarana. São Paulo: Global, 2019. p. 186.

2 Didi-Huberman, G. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p.25.

sobrevivência[...]vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por ferozes projetores"[3].

Principiei pelas notícias de morte do fotógrafo palestino à captura do belo brincar infantil em meio à guerra, o belo a esconder o horror fundamental, e **dos** jogadores com mochilas em cores, *grito ao* horrendo assassinato infantil. Feituras em *arte*, contornos para lidar com o gozo. Assim como, artes de Takahata e Pasolini, articulando o sumiço de vaga-lumes – erráticos, intocáveis e resistentes – com os holofotes nazifascistas de violência e de destruição de seres minúsculos e frágeis em assombro e ameaça a brilhos coletivos.

*Divagalumian*do, eis um achado: "O delírio da permissividade que se espalha pelos quatro cantos do mundo[...]impacto de *lalíngua* sobre o corpo[...]o próprio gozo contém um furo e uma parte de excesso que deve ser subtraída"[4]. Então, possível para um sujeito em situação de guerra, algo que se opere entre significante e desvarios do gozo a subtrair o excedente e preservar o laço social, já que este implica em perda de gozo e acesso à fala?

Sigo por *apagamento e sobrevivência e*, outro achado: "Mas se a psicanálise tem êxito, ela apagará por ser senão um sintoma esquecido. Logo, tudo depende de que o real insista[...]é preciso que a psicanálise fracasse[...]boas chances de permanecer sintoma. Psicanalistas não mortos, segue carta!"[5].

"O instante-já é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga"[6].

---

3 Didi-Huberman, G. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p.52.

4 Santiago, J. A discórdia da pulsão de morte e o sinthoma. Disponível em: https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/12/24/a-discordia-da-pulsao-de-morte-e-o-sinthoma/.

5 Lacan, J. A Terceira. Disponível em: https://www.freud-lacan.com/documents-ged/a-terceira-2/.

6 Lispector, C. Água viva. Rio de janeiro: Ed. Rocco, 2020.p.15.



PEQUENOS DELÍRIOS DE MENINA

Marina Fragoso (EBP/AMP)

Futucando bem
Todo mundo tem piolho
Ou tem cheiro de creolina
Todo mundo tem um irmão meio zarolho
Só a bailarina que não tem

Ciranda da Bailarina – Chico Buarque

Lembro que, quando pequena, olhava com muita admiração para as mulheres da família que tinham joanetes. Constituía-se aí um dos meus primeiros delírios infantis sobre o que era uma mulher. Lembro de torcer para que os meus crescessem logo e eu pudesse colocá-los à mostra em uma plataforma *Dijean*, recobrindo a castração. Afinal, como diria Lacan: "Entre o ser e o ter, a gente escolhe, mas é a isso que se chama castração"[1]. Uns anos depois, fui inventando que ser mulher tinha a ver com ter um cadeado no diário, uma mochilinha de couro, uma saia plissada, um tamanco da *Tiazinha* e até mesmo a boina da Kelly Key. Os semblantes acompanhavam as teorias infantis que eu criava sobre o sexual. Os adereços iam se pendurando como pequenos penduricalhos ali onde não há; uma colcha de retalhos que passou pelos tênis com saia de Lily Allen e até mesmo pelo batom de Marilyn Monroe.

Lacan afirma que "A relação sexual implica a captura pela imagem do outro. Em outros termos, um dos domínios aparece aberto à neutralidade da ordem do

1 LACAN, Jacques. Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante, (1971). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 63.

conhecimento humano, o outro parece ser o próprio domínio da erotização do objeto. É isso que, à primeira vista, se manifesta para nós"[2]. Como poderíamos pensar o lugar disso, uma vez que a incompatibilidade entre o ser e o ter já não se apresenta da mesma maneira?

Navegando pelos *reels*, o Instagram deparo-me com a notícia: "Influencer adere à cirurgia para mudança na cor dos olhos". Isso é possível?! Como faz?? Sobre o que delira uma pequena menina quando constrói suas fantasias infantis na atualidade, em um tempo em que as soluções vêm pela via das intervenções cirúrgicas, e não mais dos penduricalhos? Modifica-se a cor dos olhos, preenchem-se os lábios, desenham-se barrigas com uma lipo LAD. As soluções no real do corpo parecem saber, veementemente, na literalidade da carne, o que é A mulher, pergunta que só se pode responder pela via do delírio. Uma vez que "Somente a máscara ex-sistiria no lugar de vazio em que coloco A mulher"[3], quando tudo o que a bailarina tem é ofertável, que lugar resta ao impossível na formalização de um enigma para uma menina?

Em tempos de *bets* e harmonização, precisamos nos orientar não pela desesperança, mas por nossa aposta ética de saber que há algo que não se harmoniza. "Significa que a desarmonia é originária, que o som de lalíngua jamais é harmônico, que não sintoniza com ninguém"[4]. Mesmo que o mercado sempre oferte um objeto sob a promessa da harmonia, é a desarmonia desse arranjo que escutamos em nossos consultórios: a relação dos sujeitos com seu impossível.

Lembro-me de outra cena. Ainda pequena, com o cabelo na altura do queixo, olho para minha mãe e digo: "Gostaria de cortar ele aqui", apontando para a cintura. Ao que ela me responde: "Minha filha, isso é impossível!". Arrasada, eu não podia acreditar: era impossível! Ufa! Ainda bem. Só assim pude formular meus pequenos delírios de menina.

---

2 LACAN, Jacques. O seminário, livro 3: as psicoses, 1955-1956. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Aluísio Menezes. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 208.

3 LACAN, Jacques. Outros escritos. Tradução Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 559.

4 MILLER, Jacques-Alain. Piezas sueltas. Establecimiento del texto: Graciela Brodsky; traducción: Gerardo Arenas. 1. ed. 2. reimp. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2025. p. 47.



GUARDAR UM CAVALO: CAVÁ-LO ATÉ O FURO

DELÍRIOS COTIDIANOS

Wilker França (EBP/AMP)

Guardo alguns poemas. Um guardar que, como nos ensina Antonio Cícero (1996/2025), não se confunde com esconder na gaveta ou tirar de vista. Guardar é manter à disposição. É conservar vivo. Alguns poemas permanecem assim: à espreita, rondando e retornando quando menos espero. Um deles é este, de Ana Martins Marques (1995, p 63):

É mais difícil esconder um cavalo do que a palavra cavalo
É mais fácil se livrar de um piano do que de um sentimento
Posso tocar o seu corpo mas não o seu nome
É possível terminar uma frase com um beijo assim como é possível
encerrar subitamente uma dança com uma palavra
seria preciso então entender o beijo como um elemento gramatical
acrescentar as palavras entre os movimentos básicos da dança
Quanto do desejo mora
na palavra desejo?

Durante algum tempo, pensei que o poema falasse apenas da estranha sobrevivência das palavras. Um cavalo pode morrer, fugir ou desaparecer atrás de um muro. A palavra *cavalo* continua atravessando livros, poemas e conversas. Ne-

nhum estábulo consegue contê-la. A palavra guarda a ausência da coisa. Estamos no registro das palavras como representações: a palavra mata a coisa e carrega sua falta.

Foi a psicanálise, porém, que me fez escutar outra coisa. Miller (1999), com os elementos da biologia lacaniana, já apontava o que só depois eu poderia experimentar no corpo, em análise. A palavra não apenas guarda a ausência. Ela também faz surgir outra coisa. É viva! *Cavalo* torna-se *cavá-lo*. Logo aparece uma cova. O cavar já não procura o cavalo escondido. Procura um furo. A interpretação, como pensou Lacan, também não escava um sentido oculto; ela cava até onde o sentido falha. A palavra já não serve apenas para representar algo. Ela incide sobre um corpo. Ela delira.

Talvez seja esse o guardar de que fala Antonio Cícero (1996/2025). Guardar uma palavra não é conservá-la intacta, mas deixá-la correr solta, indomável, e, nesse cavalgar da língua entre ruídos e equívocos, tropeçar num céu e voar para além da boca. O próprio poema parece fazer isso. Um beijo deixa de ser apenas um gesto amoroso para tornar-se um elemento gramatical. A dança já não é interrompida por uma palavra; passa a incluí-la entre seus movimentos.

Há interpretações que buscam aquilo que a palavra quer dizer, o que esconde, a que objeto remete. Lacan, sobretudo em seu último ensino, desloca essa aposta para o instante em que uma palavra encontra um corpo e faz alguma coisa com ele. Às vezes, basta um silêncio. Um ruído. Uma pausa. Uma palavra dita na hora certa. Um pequeno clarão do real.

O poema termina perguntando quanto do desejo mora na palavra “desejo”. Não sei responder, porque nem tudo do desejo cabe na palavra. Resta sempre um excesso, algo que continua pulsando mesmo quando é nomeado. Volto então ao verso: “Posso tocar o seu corpo, mas não o seu nome.” Hoje já não consigo lê-lo da mesma maneira. Talvez eu não possa tocar um nome. Mas um nome, quando encontra sua hora, nos toca. É justamente aí, nesse intervalo entre o que a palavra representa e o que ela faz acontecer, que uma análise encontra sua possibilidade de interpretação.

A melhor maneira de guardar um cavalo é deixá-lo correr. Talvez interpretar seja isso: pegar a pá-lavra. Como escreve Flávia Cêra (2026), a interpretação “não pretende um esclarecimento” (p. 93) e busca que “a língua não se feche sobre si mesma” (p. 94), para que uma palavra possa “soar outra coisa que o sentido, mais perto do que faz a vida pulsar” (p.94) . Talvez seja esse o modo mais vivo de guar-

dar uma palavra: deixá-la livre até encontrar seu furo e, por um instante, fazer ressoar um corpo. Um corpo que goza.

Referência

CERA, F. Partimos! Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, n 96, 2026.CICERO, Antonio. Fullgás: Poesia reunida. São Paulo: Companhia das letras, 2025.

MARQUES, A. M. O livro das semelhanças. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MILLER. Elementos de Biologia Lacaniana. Minas Gerais: Escola Brasileira de Psicanálise, 1999.



SONHO DE UMA SESSÃO LÍQUIDA

Christianne Alcântara

Era uma vez uma terra chamada Brasil, onde os habitantes eram acometidos de um delírio coletivo chamado futebol. Eles cresciam convencidos de que a vida se resumia a dez pessoas correrem atrás de uma bola sobre um gramado verde, enquanto outras dez tentavam tomá-la para levá-la à rede adversária. O objetivo era o mesmo: colocar a bola dentro da rede (protegida por uma outra pessoa, além dos dez) e ganhar. Embora ninguém soubesse exatamente o quê. Cada torcedor simbolizava a seu modo a perseguição incessante daquela bola de couro, um verdadeiro objeto a, causa de um desejo que nenhuma vitória poderia aplacar.

De quatro em quatro anos, o delírio se intensificava: colocar a bola na rede virava questão de vida ou morte – a própria definição de uma Copa do Mundo (torneio mundial de futebol). Cabia a onze corpos salvarem os brasileiros vestidos de verde e amarelo, gritando em uníssono a palavra que organizava o caos social daquela terra — "Gol!", significante-mestre ao qual se amarravam, como para garantir, presos à linguagem, alguma sobrevivência diante do abismo do Real.

Uma noite sonhei que era brasileira. Diante do espelho, vestindo verde e amarelo, vejo Menino entrar no meu quarto sem pedir licença. Deita-se na cama com uma intimidade que eu desconhecia, já uniformizado — em poucas horas estaria em campo.

— O que você está fazendo aqui?

— Não sei. Só sei que vim parar neste quarto.

— Você precisa ir pro campo agora.

— Não sei o que fazer lá. São todos loucos. Querem que eu garanta o hexa. Mal consigo me levantar desta cama.

Lembrei Lacan: "todo mundo é louco, isto é, delirante"[1]. Pensei que Menino, ali, não passava de um delirante, corporificando o sintoma de um país inteiro. Amedrontada e não menos delirante — minha vida parecia depender daquele corpo —, arrisquei:

— Mas o que você quer?

Ele me ignorou. E foi no silêncio dele que ecoou naquele quarto a pergunta clássica do desejo — *Che vuoi?* — que acabava de lhe dirigir.

— Você precisa ir embora. Nunca vi você assim, ao vivo. Sempre vejo você brigando, caindo ou chorando em campo.

Tentei arrastá-lo pelo braço; era maior e mais pesado que eu. De menino, Menino nada tinha — sua presença impunha-se ali como matéria bruta, desprovida da ilusão televisiva.

— Não vou fazer mais nada. Não faz sentido pra mim.

Senti a cabeça rodar e delirei sobre o sentido (ou o sentido é um delírio em si mesmo?), enquanto ele continuava:

— Não vê que é loucura? Como posso ganhar o hexa[2]? Isso é obsessão. Além do mais, se ganhássemos...

Ele fez uma pausa dramática, os olhos fixos nos meus, como quem está prestes a revelar a verdade última da estrutura neurótica daquela nação:

— O que seria do Brasil se eu desse aos seus habitantes o que eles dizem desejar?

Acordei com essa pergunta ainda dissolvendo os contornos entre o quarto e o campo, entre torcedora e analista, entre Menino e sintoma — tudo escorrendo um no outro, como só numa sessão pode escorrer o que a vigília insiste em separar.

Posfácio

1 Lacan, J. Transferência para Saint Denis? Lacan a favor de Vincennes! In. Correio, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, (65). São Paulo: abril, 2010/1978, p.31.

2 Hexacampeã é a seleção que conquista a Copa do Mundo por seis vezes.

Naquele ano, Menino até foi pro campo, mas o Brasil perdeu. Reza a lenda que Menino nunca mais jogará. A grande vencedora foi a Espanha para delírio geral das brasileiras e brasileiros que, no dia da grande final, vestiram vermelho e amarelo.



PRÃ POESIA QUE A GENTE NÃO VIVE TRANSFORMAR O TÉDIO EM MELODIA[1]

Vânia Ferreira

A vida humana- na verdade toda a vida
– é poesia.

Lou Andreas-Salomé

O que pode fazer a poesia? Transformar o tédio em melodia? Essa seria uma resposta possível do poeta.

Cazuza, por meio desse fragmento poético, demonstra a potência criativa e interpretativa da poesia. O poeta rompe com o sentido literal e faz um equívoco apontando para o que na Orientação lacaniana chamamos de Real.

Em Freud e também em Lacan a literatura e a poesia perpassaram toda a obra de ambos desde o início até o final. Desde Sófocles, com o mito de Édipo, Freud se serviu dos maiores escritores da humanidade, a exemplo de Goethe, Dostoiévski, Shakespeare e tantos outros que o ajudaram a compreender o inconsciente. Além de trabalhos que contemplaram os poetas e escritores como no texto Escritores criativos e devaneios de 1908, já no início da sua obra, Freud faz uma recomendação muito importante diante dos limites da psicanálise: deixa ao encargo dos poetas e escritores a tarefa do entendimento humano.

Lacan continuou nessa trilha, dando um lugar privilegiado a poesia, inserindo-a como estrutural no inconsciente. O inconsciente é estruturado como uma linguagem diz o Lacan dos anos 50. O inconsciente é estruturado como um poema, diz Lacan no final do seu ensino.

Será que podemos articular a poesia com os dois significantes que regem a nossa jornada? *Delírio e Interpretação?*

A poesia, pelo seu efeito de equivocação, vai se aproximar do inconsciente real de lalíngua. Diante do impossível de dizer a verdade toda, a poesia na contramão do sentido, elucida a verdade sempre *não toda* para tocar o real. Para tocar o impossível de suportar.

No seminário *Lìnsu que sait de L´une-bévue s`aile mourre*, Lacan vai trazer a interpretação pela via poética para justamente alcançar esse efeito de furo. Pois a interpretação vai pela via de um esvaziamento de sentido.

Na letra de Cazuza, a palavra poética, na sua dimensão metafórica e sonora ¨ *transformar o tédio em melodia* ¨ pode fazer algo com a dureza da vida (com o Real) pois que diante do ¨*céu e inferno de todo dia*¨ *é* ¨ *preciso ser artista no nosso convívio*¨.

Já Caetano Veloso, na sua genial *Língua*, além da metáfora e da brincadeira sonora: ¨*Gosto do Pessoa na pessoa/ do rosa no Rosa*, ainda traz a ironia, como outro recurso poético: ¨*Sejamos imperialistas! Sejamos imperialistas!*[2] Num claro protesto aos regimes autoritários.

Lacan foi estudar a escrita poética chinesa instigando os psicanalistas a se inspirarem em algo da ordem da poesia. Nesse mesmo seminário, no capítulo intitulado *A Varidade do Sintoma* diz: ¨*O sentido tampona. Mas com a ajuda do que chamamos de escrita poética, vocês podem ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica...Estar eventualmente inspirado por algo da ordem da poesia para intervir como psicanalista? É exatamente em direção a isso que é preciso orientá-los...*¨[4]. Interpretação e poesia aparecem aqui absolutamente imbricados uma vez que os recursos poéticos quais sejam: a metáfora, a ironia, a homofonia, o jogo sonoro, o equívoco...seriam os mesmos utilizados pela interpretação analítica apontando para uma mesma orientação: O Real

Não sem uma quota de delírio que todo poeta, todo artista e todo humano precisa para construir sua obra, pois somos todos loucos, ou seja, delirantes!

A poesia, se localiza na dimensão do *não há*, *da inexistência da relação*, pois trata dos restos que sobraram da operação significante, dos barulhos de lalíngua, de um impossível de dizer, daquilo que escapa à simbolização.

E que por isso mesmo possa fazer furo, fazer novos arranjos, inventar um novo significante, onde no sem sentido haja um despertar! Rumo a um significante novo, como propôs Lacan no seminário XXIV, coloca em ato os efeitos de uma análise quando o sintoma dá lugar à criação, a um saber-fazer. Servindo-se da palavra poética, a Psicanálise toca o indizível, o inefável, o que não tem nome nem nunca terá.

Referências:

Todo amor que houver nessa vida, composição de Cazuza e Roberto Frejat.

Língua, composição de Caetano Veloso.

Lacan, Jacques: L`insu que sait de L`une-bevue S`aile à mourre. Seminário XXIV (tradução não comercial de Wilson Lima disponibilizada para um cartel sobre esse seminário).



UMA ESCRITA DELIRANTE

Liana Feldman

Num restaurante tradicional do Recife, uma mesa cheia fazia barulho. Com cadeiras extras desencaixadas, havia taças de diversas cores, gestos acalorados e vozes em sobressalto, algo estranho àquele lugar. Até que um garçom se aproximou do grupo.

Eu estava nessa mesa. Julguei que haveria uma intervenção disciplinadora – meus amigos falavam exaltados onde se ouve piano. Mas, para a minha surpresa, o rapaz apenas perguntava o que queríamos. Relativamente constrangida, respondi que nada. Diante do mal-entendido, ele se explicou: alguém levantou os braços, achei que pediriam algo. Sorri, comentei que era somente um debate, ele sorriu também.

Acontecia ali um imenso impasse sobre Mirela, personagem ficcional do livro *O copo vazio*, de Natália Timerman, que dividia as opiniões. Era uma quinta-feira de clube do livro, momento em que delirávamos juntos sobre os escritores, cenários, personagens, possibilidades nas histórias e nossas próprias ficções. De um lado, a crítica ferrenha e moralizante à jovem que se dedicava intensamente a um rapaz que a deixou. De outro, a compreensão do ilimitado do gozo, de sua busca, e uma tentativa de tradução das atuações do lado feminino – essa personagem que, diante da angústia, correu descalça até machucar os pés, que não se importava com o vexame, não continha os seus excessos, não sabia parar. Imagens tão contemporâneas e ilustrativas da clínica hoje, ali, na página bege de um livro escrito por uma psiquiatra. A fala circulava, os gestos também. Mais vermelho-taça, mais rubor no corpo, mais arranjos nas vozes.

A experiência de ler um texto e se haver com ele se assemelha ao trabalho do analista, ainda que haja uma distância óbvia entre as duas práticas. A literatura que toca o corpo com a palavra lida e que mesmo assim não serve para nada é a que nos aproxima – não há uma função, uma serventia de ordem prática, uma lição a ser tomada. Como na psicanálise, uma vez que o discurso analítico não está capturado por *scores* e resultados do imperativo do gozo, não há um tratamento meramente comportamental para a extinção de um sintoma nem um padrão-ouro normativo às condutas. Para nós, praticantes e leitores daquilo que nos falam, o que está em jogo é tentar manejar com os restos. Do que sobra em meio a todo esse delírio ficcional, vemos o sujeito.

Assim, as histórias que chegam aos nossos consultórios podem se fazer livro. Em parceria com o analisante poeta, lemos as tantas sutilezas desse texto sob transferência. O *falasser* constrói a sua ficção na tentativa de organizar e velar o real que foi descoberto pelo traumatismo. A ficção faz um tecido de palavras, uma manta confortável e protetiva, necessária em tantos tempos de uma análise. Uma construção próxima ao pensamento, do lado do simbólico, como nos ensina Miller.

Mas, em outros tempos, a necessidade é inversa: despertar, incitar o sujeito a se levantar à vida, fazer a manta virar uma peça leve de linho, tramada, permeável, que encubra a pele com delicadeza, sem sufocar. É preciso que a ficção de cada análise seja um alento, uma sustentação, e não uma barreira. O analista-trauma deve saber operar com essas sutilezas, sem destituir o delírio, mas indo além dele, destacando o escrito na fala delirante presente em seus espaços, de modo singular, no caso a caso, e sempre em laço com a língua.

Referências

MILLER, Jacques-Alain. Uma psicanálise tem estrutura de ficção. Aposta no passe: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da Escola Brasileira de Psicanálise. Organização e tradução de Ana Lydia Santiago. Rio de janeiro: Contra Capa, 2018. (Coleção Opção Lacaniana, n. 14).

TIMERMAN, Natália. O copo vazio. São Paulo: Todavia, 2021.



QUANDO O CÉU NÃO RESPONDE

Liège Uchôa (EBP/AMP)

Mesmo passados alguns anos, essa imagem continua me visitando. Talvez porque tenha condensado, como poucas, a atmosfera política dos nossos dias.

Numa praça de Porto Alegre, já noite fechada, dezenas de pessoas, em círculo levantavam os celulares para o céu. As lanternas piscavam em sincronia. Alguns acenavam. Outros esperavam. Havia quem pedisse um sinal. Não de Deus. Não da Justiça. Nem das instituições democráticas. Segundo as notícias, esperavam que seres de outro planeta interviessem no resultado das eleições.

Era difícil não rir. A internet fez o que costuma fazer: transformou a cena em meme, vídeo curto, comentário espirituoso. Mas, como acontece com certas imagens, o riso foi ficando pequeno diante da pergunta que ela insistia em fazer.

O que acontece quando alguém precisa recorrer ao céu para continuar acreditando que o mundo faz algum sentido?

Talvez aquela imagem diga menos sobre extraterrestres do que sobre nós.

Vivemos cercados de versões, notícias fabricadas e algoritmos que devolvem apenas aquilo em que já estamos dispostos a acreditar. As referências simbólicas vacilam, a confiança nas instituições se desgasta e as palavras deixam de sustentar um terreno comum. Quando esse chão cede, cresce a tentação de procurar um Outro capaz de restaurar a ordem.

Lacan escreveu, em um de seus últimos momentos de ensino, que "todo mundo é louco, ou seja, delirante". A frase desloca o delírio do campo da exceção. Sem um saber definitivo sobre a existência, cada um inventa as ficções que tornam a vida habitável. O delírio pode ser também uma tentativa de dar alguma consistência ao que ameaça se desfazer.

Foi assim que aquela praça deixou de me parecer apenas uma curiosidade política. Hoje penso naquelas lanternas como pequenos pedidos de amparo. Os celulares voltados para o céu lembravam menos uma convocação extraterrestre do que cartas enviadas a um Outro que já não respondia.

Mas havia algo mais naquela cena. Não era apenas a dificuldade de suportar uma perda. Era a recusa de um resultado democrático que contrariava uma expectativa profundamente investida. Parecia mais suportável imaginar um Outro capaz de desfazer a realidade. Qualquer Outro. Mesmo vindo das estrelas.

Nenhuma nave apareceu.

O céu permaneceu silencioso.

Talvez o mais inquietante nunca tenha sido a espera por extraterrestres. Foi assistir ao instante em que a realidade compartilhada deixou de bastar. Quando a fantasia exige que o mundo confirme aquilo em que acreditamos, o delírio deixa de operar apenas como resposta singular ao impossível e pode passar a ameaçar o próprio laço social.

É aí que a psicanálise talvez tenha algo a dizer. Não para distribuir certificados de lucidez nem para reduzir a política à psicopatologia, mas para perguntar como cada época fabrica suas ficções e por que algumas conseguem transformar a recusa da realidade em projeto coletivo.

Talvez seja por isso que essa imagem continue voltando. Não porque revele a loucura de alguns, mas porque insiste numa pergunta que permanece aberta: o que acontece com uma democracia quando uma parte de seus cidadãos já não suporta que o real tenha a última palavra?

Referência

LACAN, Jacques. *Transferência para Saint-Denis? Lacan a favor de Vincennes!* In: *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, n. 65, abr. 2010.


CRÔNICAS DELIRANTES

NEWSLETTER VI JORNADA DA EBP SEÇÃO NORDESTE

ESCOLHENDO SEMPRE O MESMO LOOK

PAULO MEDEIROS

Eu sou completamente entusiasta de maratonar séries e ficar comentando sobre elas com minhas amigas. Uma delas, por muito tempo, ocupou o lugar de minha favorita: Sex and the City. LEIA +

"O DELÍRIO DE CARRIE TALVEZ NÃO CONSISTA EM ACREDITAR NO HOMEM CERTO, MAS EM INSISTIR NUMA MESMA LEITURA DO AMOR, QUE FAZ CADA NOVO ENCONTRO PARECER UMA OPORTUNIDADE INÉDITA DE ENCONTRAR AQUILO QUE, ATÉ ENTÃO, SEMPRE LHE ESCAPOU."

Escola Brasileira de Psicanálise

ESCOLHENDO SEMPRE O MESMO LOOK

Paulo Medeiros

Eu sou completamente entusiasta de maratonar séries e ficar comentando sobre elas com minhas amigas. Uma delas, por muito tempo, ocupou o lugar de minha favorita: *Sex and the City*. Eu adorava acompanhar a vida das quatro protagonistas falando sobre os encontros amorosos, a carreira e, claro, a moda! Porém, uma personagem em especial sobressaía em relação às outras para mim: Carrie Bradshaw. Morando em Nova Iorque, Carrie trabalhava como escritora de uma coluna de jornal sobre seus relacionamentos amorosos. A cada episódio, por meio de suas "crônicas delirantes", a personagem narrava seus questionamentos diante dos homens com quem se envolvia.

Apesar de buscar parceiros diferentes, todos eles tinham algo em comum: uma dificuldade diante de uma mulher. Escritores, advogados, professores, arquitetos, empresários... não importava a profissão, a idade ou a aparência. Algo em suas escolhas insistia em se repetir. Ou, talvez mais precisamente, algo em sua posição permanecia o mesmo. Depois de uma intervenção de suas amigas, Carrie decide buscar uma analista para tratar esse movimento. Porém, ao chegar à análise, acaba conhecendo, na sala de espera, um paciente da mesma analista, e os dois acabam se envolvendo. Depois de ficar com ele, a personagem descobre que sua nova paixão frequentava a análise justamente para tratar de uma dificuldade diante das mulheres: não conseguir amá-las.

Se pensarmos nesse momento a partir do último ensino de Jacques Lacan, em que cada um faz consistir seu mundo de um modo singular (todo mundo delira),

Carrie deixa de ser uma personagem em busca de uma explicação para seus desencontros amorosos e passa a interessar pelo modo singular como constrói uma interpretação capaz de sustentar sua relação com o amor. Antes que a analista possa intervir, a personagem já responde à sua pergunta segundo a lógica que organiza seu modo de fazer laço amoroso. Carrie encontra, mais uma vez, um homem cuja dificuldade com as mulheres reinscreve a lógica de seus encontros anteriores. O parceiro muda, a leitura que organiza sua experiência amorosa permanece.

Nessa cena, a repetição não está no parceiro escolhido, mas na posição a partir da qual a personagem faz existir o amor. O delírio de Carrie talvez não consista em acreditar no homem certo, mas em insistir numa mesma leitura do amor, que faz cada novo encontro parecer uma oportunidade inédita de encontrar aquilo que, até então, sempre lhe escapou. Lacan, no *Seminário 23: O sinthoma*, afirma que "é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera" (p.18). O equívoco, aqui, não é um erro a ser corrigido, mas uma torção capaz de desalojar o sujeito da interpretação que ele já faz de sua própria história.

Carrie procura a analista perguntando por que escolhe sempre o homem errado. No entanto, antes que sua pergunta possa ser atravessada por esse equívoco, ela encontra um novo parceiro que confirma a lógica de seus encontros anteriores. Sua narrativa permanece intacta. Não deixa de ser curioso que a personagem procure uma analista justamente quando sua própria escrita já não basta para dar conta da repetição que insiste em retornar. Suas crônicas organizam sua experiência, mas não a deslocam.

Na série, a personagem abandona o processo analítico, interrompendo justamente a possibilidade de que sua própria interpretação sobre o amor seja colocada em questão. Talvez a pergunta de Carrie nunca tenha sido, de fato, "por que escolho sempre o homem errado?". Talvez a questão seja outra: o que, em sua maneira de ler o amor, precisa permanecer o mesmo para que cada novo encontro possa ser vivido como uma promessa inédita? É justamente aí que a interpretação analítica pode operar, não oferecendo uma resposta, mas introduzindo um equívoco naquilo que parecia evidente ao sujeito.

Referências

LACAN, Jacques. Do uso lógico do sinthoma ou Freud com Joyce. In: LACAN. **O Seminário: livro 23, o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 11-26.



INFLUENCERS E "OBEDIENTERS"

Mª Cristina Maia Fernandes (EBP/AMP)

Há uma obediência que não precisa de ordens. Ela acontece devagar, quase em silêncio. Primeiro, olhamos para o outro. Depois, nos olhamos. E, quando percebemos, já não sabemos muito bem onde termina a vida do outro e onde começa a nossa. Ambas se misturam.

Talvez seja disso que fala Clarice Lispector no conto *Os Obedientes*[1]: de pessoas que aprenderam a viver conforme aquilo que delas se esperava. Gente aparentemente comum, cumprindo pequenos deveres de uma existência também aparentemente comum. Nada de grandes tragédias. Apenas aquela neurose nossa de todos os dias.

Hoje, porém, a obediência ganhou uma tela.

O *influencer* não precisa dizer: "seja como eu". Basta mostrar. Mostra o corpo, a casa, a viagem, o relacionamento, a roupa, o café da manhã. Mostra o cachorro, o filho, o pôr do sol e, se possível, uma xícara de café estrategicamente posicionada ao lado de um livro que certamente nunca sequer abriu. Mostra uma vida pronta para ser cobiçada. E quem olha, começa, sem perceber, a comparar. A própria vida começa a parecer menor, aquém, quando colocada ao lado daquela cuidadosamente escolhida para aparecer... perfeita!

É como se, diante da tela, o sujeito não apenas olhasse o outro, mas passasse também a se olhar a partir desse outro olhar. Com Lacan, dizemos que o sujeito

1 Lispector, Clarice. Todos os contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. P. 342.

não simplesmente vê, ele também se vê vendo, constrói uma imagem de si sob a perspectiva de um olhar que o antecede. No estádio do espelho, a imagem devolvida pelo outro participa da constituição do eu. Nas redes sociais, esse espelho se multiplicou. Não temos mais apenas o espelho do banheiro que devolve a cara amassada de quem acabou de acordar. Temos milhares de espelhos: curtidas, comentários, seguidores, visualizações, números. Espelhos que não só refletem, mas avaliam. O pior é que começamos a nos arrumar para eles.

Surge, então, uma nova forma de obediência: a um padrão.

Ninguém nos obriga a ter determinado corpo, nem bate à porta exigindo uma roupa tal, nem uma viagem internacional ou um relacionamento digno de postagem. Tampouco há leis dizendo que precisamos ser felizes às seis da manhã, de preferência em uma varanda ensolarada.

Mas existe uma força invisível que vem da tela, dos algoritmos, das tendências, dos comentários, das imagens que se repetem até parecerem naturais, que vai nos dizendo - sem dizer - o que é bonito, o que é sucesso, o que é felicidade e até como devemos parecer felizes... E talvez o mais danoso seja começar a obedecer sem perceber...

Em *Os Obedientes*, a aparência de normalidade esconde o que existe por dentro. Nas redes sociais, ao contrário, constrói-se uma aparência de felicidade para que ela seja vista pelos outros. Mas o que é mostrado, obviamente, não é o que se vive. Não mostramos necessariamente o que vivemos, mas aquilo que gostaríamos que acreditassem que vivemos.

Talvez o casal do conto, se vivesse hoje, também tivesse uma tela. Talvez obedecesse aos mesmos padrões, apenas com outras roupas. Talvez descobrisse que é possível passar a vida inteira tentando parecer feliz e, ainda assim, nunca se perguntarem se o são. Estaria inscrito na ordem dos “obedienters” também.

Cabe aí a pergunta: quando estamos escolhendo nossa vida e quando estamos apenas aprendendo a obedecer, nos deixar influenciar?

Os *influencers* mudaram os modelos, mas não necessariamente a necessidade do sujeito de se inserir, de pertencer. Antes, obedecia-se à família, ao casamento, aos costumes, como no conto. Hoje, a “obediência” é aos números, aos comentários, às tendências, à imagem de uma “felicidade” que insiste em aparecer nas telas, vinda sabe-se lá de onde...

Afinal, talvez o problema não seja seguir influencers.

Mas esquecer de si mesmo exatamente por seguir sem medida, submeter-se...

Ser demasiado “obedienter”...



AO RITMO DA VIDA

Priscila Brennand de Carvalho Fernandes

"Mas e a vida
Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é?
Meu irmão"

(O que é, o que é? – Gonzaguinha, 1982)

A copa do mundo levou a agitação para todas as partes: a seleção chegou! O passinho do Jamal ganhou o mundo! Em paralelo, um terremoto assolou a Venezuela deixando incontáveis mortos e desaparecidos. Rolando o feed do insta vejo: bebês sendo retirados dos escombros, Virgínia aparece no castelo alugado por Vini Jr. e um comediante com suas pegadinhas nas ruas, faz graça. Muita informação difusa e desconexa, até você anda louco, algoritmo?

Frente a tanta disparidade, escuto em minha cabeça a canção de Tim Maia que diz: "...mas na vida a gente tem que entender que um nasce pra sofrer, enquanto o outro ri." (*Azul da cor do mar* – Tim Maia, 1970). Me perdoe, Tim Maia, mas isso é coisa difícil de entender.

O capitalismo nos situa diante dessas contradições: bilhões investidos em propagandas de bets, jogadores, estádios... enquanto aspectos tão básicos de higiene, alimentação e escolaridade de nossa sociedade seguem fracassando.

Que loucura é essa que me leva a parar o trabalho para vibrar com uma bola entrando por entre uma barra telada, enquanto pessoas buscam corpos vivos ou mortos embaixo de entulhos? Sai Tim entra Lenine e eu escuto a música que ressoava na minha cabeça, durante o período de internação do meu pai "...enquanto todo mundo espera a cura do mal, e a loucura finge que isso tudo é normal, eu finjo ter paciência" (*Paciência* – Lenine e Dudu Falcão, 1999).

Pois bem, PACIÊNCIA! A vida é isso: uns largam tudo para ajudar as vítimas das tragédias, outros viajam para ver a copa presencialmente, outros focam no trabalho para pagar as contas, alguns focam no trabalho em busca da cura dos males que nos assombram, enquanto dirigentes focam em desviar dinheiro. Gritamos pelo Brasil, ao tempo em que o Real, o imprevisível, se presentifica em outro país e nos faz deparar com a morte assim: sem mais nem menos. Os delírios da humanidade seguem firmes. Mas verdade seja dita: sem uma dose de delírio ninguém segura esse rojão.

Por fim, Chico: "Aqui na terra tão jogando futebol. Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll. Uns dias chove, noutros dias bate Sol. Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta. Muita mutreta pra levar a situação. Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça. E a gente vai tomando que também, sem a cachaça, ninguém segura esse rojão." (*Meu Caro amigo* – Chico Buarque e Francis Hime, 1976)

Enquanto a música me ajuda a sobreviver as contradições, o delírio me faz suportar o Real e a análise, ah... esse espaço onde crio a minha letra e danço ao meu ritmo em um belo descompasso.